

METÁFORA E METONÍMIA EM NOMES COMPOSTOS EM PORTUGUÊS: UM ESTUDO DE CONSTRUÇÕES S-ADJ

Margarida Basilio (PUC-RJ)¹

RESUMO

O trabalho se concentra na análise do aspecto semântico de construções lexicais compostas de forma S-Adj no Português do Brasil, com ênfase no papel da metonímia e da metáfora nestas construções, dentro de uma visão cognitiva do léxico. Analisam-se compostos metafóricos e metonímicos semanticamente exocêntricos e endocêntricos e discutem-se questões relativas à distinção metáfora/metonímia e à dificuldade de análise de construções lexicais tradicionalmente consideradas como compostos.

PALAVRAS-CHAVE: semântica lexical – metáfora – metonímia – compostos S-Adj – Língua Portuguesa

ABSTRACT

The work is concerned with the semantic analysis of Portuguese compounds formed by a noun followed by an adjective. Taking a cognitive approach to the study of the lexicon, the author emphasizes the role of metaphor and metonymy in these lexical constructions. Metaphoric and metonymic compounds in Portuguese are focused in the analysis, which includes both exocentric and endocentric compounds. The analysis is permeated by a discussion of the main questions involved in the metaphor/metonymy distinction and in the difficulties in the analysis of lexical constructions traditionally called compounds.

KEYWORDS: lexical semantics – conceptual metaphor – conceptual metonymy – N-Adj compounds – Portuguese

¹ Professora Emérita - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Departamento de Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. marbas@centroin.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais abrangente, que tem como objetivo investigar o papel da metáfora e da metonímia conceptual, assim como o carácter emaranhado dos dois tipos de figuração em construções lexicais do Português.² O foco específico do artigo é a análise da relação semântica adjetivo/substantivo em formações compostas S-Adj no português do Brasil, com ênfase no papel da metáfora e da metonímia conceptuais e seus entrelaçamentos em construções lexicais compostas dentro de uma perspectiva da Linguística Cognitiva.

Inicialmente, o trabalho aborda rapidamente conceitos e procedimentos preliminares, como a questão do composto e a definição dos conceitos de metáfora e metonímia adotados no trabalho, além de especificar as fontes de dados. Em seguida, alguns exemplos de compostos metafóricos são analisados, sendo determinados dois tipos de formação metafórica. O trabalho prossegue com a análise de compostos metonímicos e, em sua terceira parte, analisa diferentes tipos de compostos em português, o que aponta para a necessidade de se investigar mais as características da possível unidade “composto” como elemento demarcador para um melhor entendimento da fluidez das construções lexicais à luz das proposições da Gramática Cognitiva.

2. CONCEITOS E PROCEDIMENTOS PRELIMINARES

Tradicionalmente consideramos como compostos palavras que consistem de duas ou mais palavras ou lexemas, embora as definições possam variar, na dependência de diferentes arcabouços teóricos de perspectivas analíticas (Lieber&Stekauer 2011:4-5). Por outro lado, é bastante complexa a questão do conceito de palavra.³ Em consequência, um dos maiores problemas na investigação de compostos é a dificuldade de estabelecer quando temos ou não uma palavra composta (Fabb 1998, Dressler, Kastovsky & Pfeiffer 2005, Benczes 2006, Lieber 2010, Rio-Torto 2013, etc.). O trabalho não se detém nesta relevante questão tradicional, mas esclarece alguns pontos relevantes da discussão e especifica critérios adotados na seleção dos dados, na esteira de proposições anteriores, mas tendo em vista a perspectiva da Gramática Cognitiva, em que se assumem pressupostos teóricos tais como o contínuo léxico-gramática, a noção de categorias não discretas, a metáfora e a metonímia conceptuais, a relevância do conhecimento enciclopédico como parte do significado lexical, e assim por diante.

Conforme observado em Basilio (2012), dentre outros, a dificuldade de distinção entre compostos e outras construções lexicais é diretamente relacionada ao conceito de palavra composta, visto que a noção de composição incide sobre palavras, sendo estas consideradas tanto do ponto de vista lexical quanto do ponto de vista gramatical (morfológico), sem esquecermos outros aspectos, como o fonológico e o gráfico, que não serão aqui abordados.

Neste trabalho, em que o maior interesse está no aspecto semântico e, mais especificamente, no papel de mecanismos de figuração nas construções que normalmente consideramos como compostos, os

2 O trabalho se vincula diretamente ao projeto “Domínios indefinidos: um estudo da metáfora e metonímia em compostos e expressões lexicais”, financiado pelo CNPq (bolsa de produtividade, proc. Nº 306150/2014-0).

3 Para um maior detalhamento desta discussão no Português e seu impacto na questão dos compostos, v. Basilio 2000.

dados centrais são os chamados compostos lexicais, isto é, construções que podem ser consideradas como unidades lexicais. Ou seja, o trabalho pressupõe uma distinção entre construções lexicais, que, embora constituídas com estruturas normalmente abordadas no nível sintático, servem a fins lexicais de denominação consolidada, em oposição a construções que ocorrem no âmbito dos enunciados linguísticos nos atos de fala.

Mais especificamente, conforme esclarecido com mais detalhe no trabalho mencionado, expressões S-Adj de função denotativa em que o segundo termo é um adjetivo denominal em geral podem ser consideradas como expressões que eventualmente ocorrem nos enunciados, não tendo atingido um nível de estabilidade ou consolidação como construções lexicais compostas. Este seria o caso de sequências como *renda familiar*, *expressão linguística*, etc., que apresentam um alto nível de transparência.

Ao lado desses, podemos considerar casos como *merenda escolar* e código penal, que, embora mantendo as características gerais dos exemplos acima, apresentam um nível mais significativo de consolidação no léxico, assim como uma diminuição no grau de composicionalidade, de modo que especificações de conhecimento enciclopédico se fazem mais necessárias e relevantes. Em ambos os casos, entretanto, temos construções semanticamente endocêntricas, no sentido de que o adjetivo apenas restringe ou caracteriza o significado genérico do substantivo.

Um terceiro caso que ilustra o caráter de gradualidade nessas expressões é o *de pessoa jurídica*, em que, ainda que o adjetivo possa restringir o significado do substantivo, o significado do conjunto já não pode ser analisado como formado pelo mero acréscimo do adjetivo especificador a um substantivo. Isto é, não se trata de uma pessoa adjetivada como pertinente a algo considerado como jurídico, como um indiciado ou um procurador, mas um conceito abstrato que decorre de um complexo sistema de relações institucionalizadas. Neste caso, já é mais difícil dizer que *pessoa jurídica* se refere a uma pessoa; na realidade a evocação mais imediata da sequência traria uma resposta negativa. Assim, em *pessoa jurídica* não é possível inferir o significado do todo em função do significado das partes. Ou seja, a interpretação específica agrega-se à expressão lexicalizada. Trata-se, portanto, de um composto ou expressão lexical.⁴

Assim, não causa surpresa o fato de que esta última construção não admite a substituição de um dos termos por sinônimos (?pessoa judicial, ?gente jurídica, etc.) nem elementos interferentes (?pessoa especialmente jurídica, ?pessoa sociojurídica, etc.), critérios normalmente utilizados para a caracterização de uma sequência como composto.⁵

Os dados a serem analisados neste trabalho foram retirados de um corpus de construções lexicais coletadas ao longo dos últimos anos no jornal O GLOBO, acrescido de uma pequena quantidade de dados variados encontrados recentemente em diferentes meios de comunicação, além de construções reconhecidas como

4 De acordo com Langacker (2002:292), as unidades geralmente consideradas como itens lexicais se reúnem no espaço da especificidade. Para o autor, o léxico é simplesmente o inventário das expressões fixas numa língua.

5 Para um maior detalhamento de critérios e argumentos, v. Basilio (2012), em que, no entanto, algumas posições são diferentes das adotadas no presente trabalho.

compostos no Português Brasileiro, tais como, por exemplo, construções arroladas como compostos em gramáticas do Português, dicionários ou artigos sobre formação de palavras em português.

O artigo tem por base compostos S-Adj, considerados como compostos lexicais em termos dos critérios referidos, usuais na literatura, tais como a discrepância semântica, a rigidez da construção e a resistência à coordenação, entendendo-se, no entanto, que não se trata de critérios rígidos e que a própria noção de composto está sendo utilizada para denominar um tipo de construção cuja relevância numa abordagem cognitiva ainda está para ser considerada com mais detalhe, dada a noção da continuidade léxico-gramática.

Observe-se, ainda, que, tendo em vista que nosso foco é fundamentalmente a análise semântica, a parte numérica referente aos dados não será considerada relevante. Todos os dados analisados no trabalho, no entanto, são de conhecimento geral, embora alguns possam não estar dicionarizados, seja porque relativamente recentes, apesar de conhecidos e reconhecidos, seja em virtude das questões que envolvem a análise de compostos lexicais.

Compostos são frequentemente classificados como endocêntricos ou exocêntricos. Nos compostos endocêntricos, o composto é um hipônimo da cabeça, como em *obra-prima*; compostos exocêntricos, por outro lado, não apresentam cabeça (Booij 2007). Os compostos a serem aqui analisados são semanticamente exocêntricos em sua grande maioria; de fato, uma das preocupações do trabalho é a análise da figuração na exocentricidade semântica de compostos lexicais. O trabalho focaliza fundamentalmente compostos metafóricos e compostos metonímicos formados por uma sequência S-Adj em que o adjetivo incide sobre o substantivo, como, por exemplo, em *carta-branca* e *pé-sujo*.

Para os fins deste trabalho, assumo a distinção usual entre metonímia conceptual, mecanismo cognitivo em que fonte e alvo estão no âmbito do mesmo domínio conceptual, e metáfora conceptual, mecanismo cognitivo em que fonte e alvo estão em domínios conceptuais distintos. (Radden e Kovecses 1999, Barcelona 2003, Benczes 2006, etc.). No momento, deixo de lado a questão crucial relacionada à interpretação do termo *domínio* na distinção entre metáfora e metonímia, embora minha interpretação se aproxime da noção de modelo cognitivo idealizado (ICM). Na verdade, em convergência com a visão de Benczes (2011), um dos pontos de interesse do trabalho é obter maior conhecimento sobre a interação entre metonímia e metáfora em compostos com a finalidade de contribuir para a discussão com dados analisados, dentro do pressuposto de que a estabilidade da relação entre os dois membros do composto constitui um ambiente promissor para a investigação desta questão crucial.

Neste trabalho, então, a metonímia será fundamentalmente entendida como um processo cognitivo em que uma entidade ou (sub)domínio conceptual, a fonte, provê acesso mental a outra entidade conceptual ou (sub)domínio, o alvo, dentro do mesmo domínio cognitivo. O trabalho também incorpora a visão de metonímia de Langacker (2000, 2009) como um ponto de referência. Por exemplo, em Português o substantivo *cego*, que se origina no adjetivo *cego*, tem na propriedade “sem visão” um ponto de referência para denotar um indivíduo que é cego. A metonímia “Propriedade por Categoria” é clara em praticamente todos os casos de conversão de adjetivo para substantivo em Português.

Em relação à metáfora, nosso foco é o mecanismo cognitivo por meio do qual uma entidade conceptual ou domínio projeta alguma(s) de suas propriedades relevantes numa entidade alvo que pertence a outro domínio cognitivo, de sorte que isto nos leva a encarar o alvo de um modo que incorpora a entidade fonte. Esta visão da metáfora é, portanto, compatível com a visão de Steen (2013:57), quando este diz que “Deliberate metaphor truly is a means of understanding one thing in terms of something else”. Assim, por exemplo, se dizemos de um adulto que ele é criança, todos entenderão que estamos considerando este adulto como psicologicamente infantil.

Duas observações iniciais se fazem necessárias para informar a análise dos exemplos de construções compostas em Português.

A primeira é que metáforas lexicais em compostos sempre envolvem metonímia, pelo fato de que quando uma palavra é usada como fonte para estabelecer uma conexão com o alvo conceptual, nem todas as propriedades da palavra são evocadas, mas apenas aquelas pertinentes à conexão pretendida, de modo que conexões metafóricas são baseadas no conceito de metonímia como ponto de referência. No exemplo acima, o uso de “criança” nos leva a atribuir ao adulto assim qualificado atitudes psicologicamente infantis, tais como dependência ou falta de responsabilidade, mas propriedades relativas a condições legais ou físicas de crianças, por exemplo, são irrelevantes no caso. Do mesmo modo, no composto *reunião-relâmpago*, apenas as propriedades correspondentes a rápido, súbito ou inesperado são selecionadas.

A segunda observação é que a metáfora lexical não é equivalente à metáfora no discurso, porque quando usamos uma palavra como fonte para projetar algum(ns) dos seus significados potenciais na interpretação da palavra-alvo, esta projeção não é proposicional, sendo, antes, deliberadamente incorporada no poder evocativo da palavra-alvo. Isto aponta para a relevância da investigação da metáfora nos compostos, já que compostos são construções formadas por duas ou mais palavras, mas são palavras, isto é, unidades lexicais básicas, no dizer de Langacker, e com função de denotação, o que significa que o poder expressivo da metáfora na construção não pode ser questionado, em virtude da função denotativa/evocativa das palavras, compostas ou não.

A análise se concentra em compostos metonímicos e metafóricos parcialmente motivados, isto é, compostos cuja motivação é parcialmente reconhecida quando o falante conhece seu significado global. Por exemplo, uma vez saibamos o que é *carne-seca*, não é difícil estabelecer a conexão entre o composto e seu significado. Estas construções são, portanto, distintas dos compostos em que uma motivação, mesmo eventualmente existente, é complexa demais para o entendimento do falante médio, como, por exemplo, em *amor-perfeito*. Entretanto, incluímos na análise alguns casos de compostos apresentando algo de classificatório, que se revelaram de interesse como contraponto.

Naturalmente, em qualquer circunstância a interpretação de compostos só é possível dentro do pressuposto do conhecimento enciclopédico. Entendemos o conhecimento enciclopédico como equivalente ao conhecimento do mundo e incorporamos a visão de Langacker de que apenas uma semântica linguística de caráter enciclopédico é viável.

3. ANÁLISE DE COMPOSTOS S-ADJ

Passamos então à análise de dados específicos. A situação padrão – embora não a única - em compostos S-Adj do Português é aquela em que o segundo elemento, o adjetivo, especifica o primeiro, um substantivo. Esta é a situação que abordaremos neste trabalho.

3.1 COMPOSTOS METAFÓRICOS

A situação mais frequente que encontramos em compostos metafóricos é a de compostos semanticamente exocêntricos, de que nos ocuparemos na próxima seção. Entretanto, também existem compostos metafóricos não exocêntricos, como veremos posteriormente.

3.1.1 COMPOSTOS METAFÓRICOS EXOCÊNTRICOS

Começaremos a análise de compostos metafóricos exocêntricos com o composto *secretária-eletrônica*, usado para denotar um instrumento eletrônico que faz as vezes de telefone e gravador de mensagens. Neste composto o primeiro elemento é duplamente metonímico, já que *secretária* denota uma pessoa, mais especificamente uma mulher, por meio de uma profissão ou cargo funcional (*Papel funcional por Indivíduo*)⁶; e, naturalmente, uma secretária exerce outras tarefas além de atender o telefone (*Parte pelo Todo*).

Mas o que é peculiar a esta construção é o efeito do adjetivo *eletrônica* no substantivo *secretária*, cuja evocação central é transferida do domínio conceptual de pessoas, profissões e cargos para o domínio dos instrumentos eletrônicos, por meio de uma similaridade funcionalmente parcial, além de hiperbólica⁷.

Mais especificamente, o que podemos notar neste tipo de construção é que, embora o adjetivo incida sobre o substantivo, ele não o modifica no sentido usual do termo, mas o transforma, ou mesmo aniquila, inserindo-o num novo plano, o da construção S-Adj, que emerge num outro domínio, o dos instrumentos eletrônicos, ou seja, o domínio especificado pelo adjetivo. O aspecto mais interessante dessas construções reside, pois, no uso de uma hipérbole disfarçada, através de um mecanismo convencional de seleção.⁸

Esta construção lexical é produtiva em português em seu nível médio de esquematicidade. Ou seja, não apenas o esquema S-Adj é produtivo na formação de compostos, mas também, especificamente, o esquema S-eletrônico, possivelmente na base do modelo inicial, o obsoleto *cérebro eletrônico* para a denotação de computadores⁹.

6 Aqui e nas próximas páginas, especificaremos entre parênteses as metonímias mais usuais.

7 Entende-se hiperbólico por “desmesurado” ou “excessivo” (Houaiss 2009). Nas formações de que tratamos nesta seção, o termo se refere ao fato de que há um claro exagero nas denominações de mecanismos eletrônicos, em que o primeiro termo enfatiza o lado humano, implicitamente estabelecendo uma associação que insinua a possibilidade de se substituir (com vantagem) o humano pelo instrumento eletrônico.

8 Croft&Cruse (2004:47).

9 Observe-se que, independentemente dos compostos, o termo *eletrônico* pode também adjetivar substantivos sem que a sequência decorrente seja considerada necessariamente um composto.

Outros exemplos do esquema incluem *porteiro-eletrônico*. Observamos, em ambas as construções, a transferência de domínio, do biológico para o instrumental, e a força expressiva. No primeiro caso, a escolha do termo *cérebro* na denominação tem o objetivo de insinuar que a máquina a ser apresentada ao público seria comparável ao cérebro humano, o que também transparece na expressão *Inteligência Artificial*. No segundo, mais humilde, paralelo a *secretária-eletrônica*, percebemos a insinuação de que o instrumento poderia substituir o indivíduo no exercício da função.

Assim, não constitui surpresa o fato de que a área em que este tipo de construção surge com mais frequência é a do marketing, em que a função hiperbólica se relaciona à necessidade de uma transferência de domínio significativa. O mesmo fenômeno acontece no caso que analisamos a seguir.

Consideremos agora *olho-mágico*, um exemplo também analisado, embora com outros objetivos, em Basilio (2006). O composto *olho-mágico* denota um pequeno orifício em portas de apartamentos com o propósito de possibilitar a quem está dentro ver quem está batendo a campainha sem se expor ou ser visto. Neste composto, temos uma transferência do domínio do corpo para o domínio da arquitetura domiciliar, através da semelhança funcional: em ambos os casos, uma abertura propicia a visão. O fato de que o mecanismo arquitetônico torna a pessoa que está dentro invisível para quem está do lado de fora é qualificado no composto pelo adjetivo “mágico”. Observe-se que, do mesmo modo que no exemplo anterior, o adjetivo incide sobre o substantivo, mas não o qualifica, antes o transforma num objeto em outro domínio cognitivo. No caso, o olho natural, que é fonte da visão, dá lugar à abertura mágica que, ao contrário do olho comum, permite a visão de quem está além da porta, mas mantendo a invisibilidade do usuário de ambos os olhos, o natural e o metonímico-metafórico, já que também se transfere ao mecanismo, metonimicamente, a visão de quem dele fizer uso.

Neste caso a metonímia está envolvida com a metáfora, para além do fato geral, anteriormente mencionado, de que a metáfora impõe ao domínio alvo apenas alguns aspectos do potencial evocativo do domínio-fonte.

Mais especificamente, em *olho-mágico* temos as noções de uma abertura e visão transferidas do domínio físico, o olho, para o domínio arquitetônico, o mecanismo na porta. Mas ninguém pensa em cores, conexões cerebrais, lágrimas e assim por diante em conexão com o pequeno orifício nas portas dos apartamentos. Ou seja, a metáfora consiste na transferência de alguma zona ativa do elemento-fonte a ser incorporada na interpretação do elemento alvo. O papel do adjetivo é menos direto que no primeiro exemplo, visto que há uma atribuição do caráter mágico ao fato da invisibilidade, o que é certamente o caso da capa de Harry Potter, mas puramente hiperbólico e de fins comerciais no caso do mecanismo nas portas.

É importante observar que o mesmo fenômeno acontece nos dois compostos: tanto em *secretária-eletrônica* quando em *olho-mágico* a metáfora resulta do efeito do adjetivo sobre o substantivo; é este efeito que concretiza a transferência do todo resultante para um domínio distinto do domínio do substantivo, constituindo-se um composto semanticamente exocêntrico, que, no entanto, mantém a

concordância flexional característica dos compostos endocêntricos. Em *secretária-eletrônica*, o efeito do adjetivo sobre o substantivo não o modifica no sentido habitualmente utilizado para a ação de um adjetivo sobre um substantivo; na verdade, a natureza da mudança é radical, de agente humano para instrumento eletrônico. No segundo exemplo, ainda que *mágico* seja mais expressivo que objetivo, o que se sugere como mágico é o mecanismo. Em ambos os casos, naturalmente, a mensagem subjacente é que mecanismos eletrônicos ou arquitetados são funcionalmente intercambiáveis (ou melhores) que o correlato físico ou humano.

Estes compostos, em que o entranhamento entre metonímia e metáfora é tão diferente, são ambos instâncias de metáfora deliberada. Na verdade, mesmo em casos convencionais, como o são todos os itens lexicais, eu diria que eles o são no momento de sua formação. E, naturalmente, tanto a propaganda política quanto a comercial fazem constante uso da metáfora deliberada para seus propósitos de persuasão. No caso, ambos os exemplos apresentam uma motivação de caráter comercial.

Vejam agora o composto *retrato-falado*, que denota uma imagem de alguém, feita a partir de um relato descritivo, em geral por testemunhas numa situação de investigação policial. No composto, não há metonímia relevante em *retrato*: a palavra evoca a noção de representação de um rosto, mas não evoca o rosto, antes evoca sua representação. O aspecto peculiar deste composto é o uso do adjetivo *falado* para modificar *retrato*: a combinação provoca, uma certa reação de desconforto, quase de incompatibilidade, à primeira vista.

De fato, a metáfora no composto está na transferência do domínio visual para o domínio linguisticamente relatado no processo de construção da imagem: *falado* se refere a uma fonte de dados linguística e não visual para a composição da face a ser representada, em contradição com nosso conhecimento enciclopédico de como são feitos os retratos. Isto é, o adjetivo retira *retrato* do domínio da fotografia e, ainda mais crucialmente, coloca-o fora do domínio do rosto reproduzido visualmente, o que dá força expressiva ao composto. Novamente, vemos a situação do adjetivo que, ainda que incidindo sobre o substantivo, não o modifica, propriamente, mas, ao contrário, o descaracteriza, transportando-o para um novo domínio. Esta transferência, no entanto, é parcial, como nos demais casos aqui estudados, em que a semântica dos componentes é sempre fundamental, como background evocativo em relação ao significado emergente. Em *retrato-falado*, saímos do domínio habitual de representação facial em termos de fontes visuais para o domínio da fonte falada; mas o fato da representação não estabelece propriamente uma suposta contradição como vemos nos exemplos “alleged affair” e “fake gun”, que, segundo Grady, Oakley & Coulson (1997:121) correspondem a construções privativas.¹⁰

Um exemplo adicional de composto N-Adj é *braço-direito*. Na sequência *braço direito*, *direito* especifica *braço*, de modo que a sequência se refere ao braço que temos do lado direito. No composto, entretanto, o conhecimento enciclopédico do papel fundamental de nosso braço direito em atividades físicas motiva a metáfora que transfere a relevância física do braço direito para os mais variados tipos de ação para a esfera das relações de trabalho, com base na semelhança funcional. Há também neste caso uma dupla metonímia envolvida, juntamente com a metáfora, na medida em que o composto

braço-direito metonimicamente denota uma pessoa (*Todo pela Parte*) e a pessoa é referida em termos de um papel social (*Papel social por Indivíduo*).

Passamos agora ao composto *batata-quente*. Em *batata-quente*, temos uma construção que indica algo difícil, de que alguém pretende se livrar o mais rápido possível. Nesta construção, o adjetivo qualifica o substantivo, sendo os efeitos do todo denotado por *batata-quente* os motivadores para a evocação principal da expressão. Neste caso, temos, portanto, uma situação de metonímia combinada com metáfora: nomeia-se a situação difícil de que queremos nos livrar à semelhança de algo que nos queima (*Propriedade por Categoria?*) É possível que a construção possa ser melhor entendida no contexto de “ter nas mãos uma batata-quente”, expressão por si metafórica; neste caso, a zona ativa é a da condição, embora a possibilidade de jogar-se uma batata para outra pessoa ajude a motivar o primeiro elemento.

O último exemplo que analisaremos nesta seção é *patinho-feio*. No Dicionário UNESP do Português Contemporâneo, ou Borba (2004), *patinho feio* é definido como “quem é desprezado; enjeitado. O exemplo fornecido é “Sempre fomos tratadas como o patinho feio”.

A expressão deriva do personagem-título do conto de Hans Christian Andersen, “O patinho feio”. No caso, temos uma transferência do domínio literário, digamos, já que o patinho feio é um personagem fictício, para o domínio do mundo real. Na história infantil, o patinho é considerado feio junto aos outros patos e em vários lugares em seu percurso, sendo reabilitado apenas no final, quando se descobre que ele era, de fato, um cisne. Mas a transferência é feita a partir da zona ativa negativa, de modo que *patinho feio* corresponde a quem é julgado feio e vítima de maus-tratos. Neste caso, temos um composto de significado óbvio na superfície, mas o significado pleno só pode ser atingido pelo conhecimento enciclopédico do conteúdo do conto.

Resumindo, analisamos nesta primeira parte do trabalho os compostos *retrato-falado*, *secretária-eletrônica*, *olho-mágico*, *braço-direito*, *batata-quente* e *patinho-feio*. Todos os exemplos envolvem metáfora, isto é, transferência de um domínio fonte para um domínio alvo. Em *retrato-falado*, os dados básicos para a reprodução de uma face são transferidos do domínio visual para o linguístico; em *olho-mágico*, o adjetivo incide sobre o substantivo *olho*, assim transferindo o olho físico para um mecanismo supostamente mágico de visão com invisibilidade. Em *secretária-eletrônica*, o adjetivo realiza a transferência de um rótulo ocupacional do domínio humano para o domínio dos instrumentos eletrônicos; em *braço-direito*, a metáfora corresponde à transferência da sequência *braço direito* do domínio do corpo para o domínio da articulação de funcionalidade, confiança e dependência em relações de trabalho entre pessoas; em *batata-quente*, temos uma transferência do domínio físico (desconforto por excesso de calor) para o psicológico (desconforto pela dificuldade do problema), constituindo a metáfora, que se mescla à metonímia representada pela zona ativa (quente); e, finalmente, em *patinho-feio*, temos uma projeção do espaço da ficção para o espaço da vida real.

Existe uma diferença entre os exemplos, configurando dois tipos semanticamente diferentes de construção em compostos metafóricos exocêntricos S-Adj: no primeiro, o efeito do adjetivo sobre o

substantivo cria a metáfora que faz o composto, como em *secretária-eletrônica*, *olho-mágico* e *retrato-falado*; no outro tipo, a modificação objetiva do substantivo pelo adjetivo forma uma expressão denotativa que é fonte da metáfora que cria o composto, como em *braço-direito*, *batata-quente* e *patinho-feio*.

Em todos os casos, no entanto, a transferência metafórica vem do mapeamento da construção S-Adj como um todo para um domínio distinto.

3.1.2 COMPOSTOS METAFÓRICOS ENDOCÊNTRICOS

Os casos que analisamos até agora são de compostos metafóricos exocêntricos. Entretanto, existem também compostos metafóricos semanticamente endocêntricos, isto é, compostos que correspondem a uma instância do que é denotado no substantivo; nestes casos, a metáfora se origina ou se situa no adjetivo. Encontramos em nossos corpus o caso de *baleia-assassina*.

Em *baleia-assassina*, temos, por um lado, um composto classificatório, dado que se trata de um tipo de baleia. Entretanto, o caráter expressivo do adjetivo “assassina” pode ser interpretado como uma transferência metafórica do domínio humano para o domínio animal, uma vez que o conceito de assassinato não se aplica normalmente a animais que podem matar, e menos ainda como um instrumento de classificação.

3.2 COMPOSTOS METONÍMICOS

Do mesmo modo que nos metafóricos, a situação mais frequente que encontramos em compostos metonímicos é a de compostos semanticamente exocêntricos, de que nos ocuparemos na próxima seção. Entretanto, também existem compostos metonímicos endocêntricos, que serão tratados na seção subsequente.

3.2.1 COMPOSTOS METONÍMICOS EXOCÊNTRICOS

Começaremos a análise de compostos metonímicos exocêntricos com o composto *ferro-velho*, nome que damos a sucata, ou, mais especificamente, referência genérica a objetos de base ferrosa em processo de deterioração ou de pouco valor. Neste composto, *velho* incide sobre *ferro* e o qualifica, mas o sentido mais comum, pelo menos em textos jornalísticos, é o metonímico, que corresponde ao local em que se negocia (muitas vezes, ilegalmente) com este tipo de material. Temos, portanto, a metonímia *Produto negociado por Local*.

Outro exemplo de composto em que a construção se refere ao local é *pé-sujo*, denominação dada a determinados tipos de botequim de caráter popular e informal no Rio de Janeiro. Neste caso, a metonímia é dupla, sendo que *pé-sujo* qualifica o tipo de frequentador do botequim, pela metonímia *Propriedade por Categoria*, e o frequentador, então, provê a denominação do tipo de botequim, pela metonímia *Local por Indivíduo*.

Compostos metonímicos que designam indivíduos por propriedades ou condições são também frequentes, desde os tradicionais como *bóia-fria*, que designa trabalhadores do campo pelo seu tipo de refeição e *pé-rapado*, que designa indivíduos pobres pela condição de seus pés, até o recente *ficha-suja*, que designa políticos que não podem apresentar um atestado de bons antecedentes e, portanto, não são considerados elegíveis. Ainda no campo profissional, *relações-públicas* faz referência aos profissionais que exercem esta ocupação pela metonímia *Ação por Indivíduo*.

Outro exemplo de composto metonímico, consolidado mas de referência a uma ocasião específica, é *cara-pintada*, composto que denominou os estudantes participantes das passeatas que levaram ao impeachment do então presidente Collor na década de noventa. Na época, os estudantes em passeatas de protesto pintaram o rosto de verde e amarelo, motivação para a denominação *cara-pintada* para os participantes das passeatas. Temos, então, uma variante da metonímia *Propriedade por Categoria*, na medida em que se trata de uma condição ocasional e não permanente como os tradicionais *cara-pálida* ou *pele-vermelha* dos filmes de faroeste americanos.

Na verdade, a metonímia é um processo largamente utilizado na formação de palavras em casos de conversão adjetivo/substantivo, nos quais o adjetivo é fonte para um substantivo que denota um indivíduo pela propriedade expressa pelo adjetivo. Alguns exemplos são *cego*, *careca*, *pobre*, etc.. Como se vê, o mesmo mecanismo cognitivo geral está em jogo nas construções compostas do parágrafo anterior.

Sintetizando nossos resultados até agora, vimos que existe um contínuo no nível de composicionalidade na formação de compostos S-Adj em português, desde a expressão que pode ser formada no discurso, embora haja consolidação na evocação de determinados conceitos - por exemplo, a sequência *batata frita* evoca palitos de tamanho convencional ou rodelas de batata fritas, mas não uma batata inteira¹¹ – até os compostos rigidamente consolidados, como *pé-rapado*.

3.2.2 COMPOSTOS METONÍMICOS ENDOCÊNTRICOS

Conforme observamos anteriormente, compostos metonímicos e metafóricos são, em geral, semanticamente exocêntricos. Entretanto, podemos encontrar alguns compostos metonímicos semanticamente endocêntricos, isto é, compostos em que o todo constitui uma instância do que é denotado no primeiro elemento, sendo a metonímia originária do segundo elemento. Em nosso corpus encontramos um exemplo, o composto *casa-grande*.

Em *casa-grande*, denominação para a casa dos donos de uma fazenda na época da escravidão, em oposição à senzala, lugar reservado aos escravos, temos um composto parcialmente composicional, na medida em que as casas dos donos de fazenda eram, por óbvio, grandes; e, por outro lado, adjetivos como *grande* e *pequeno* são relativos. No caso, temos uma metonímia *Tamanho por Qualidade*, sendo implícito o conhecimento enciclopédico sobre a questão do tamanho na avaliação da qualidade

11 Do mesmo modo, banana frita pressupõe o fatiamento e cenoura frita provoca estranheza, o que indica que o conhecimento enciclopédico interfere não apenas no entendimento das formações, mas na maior ou menor aceitação das construções.

de locais de moradia. Embora *casa-grande* como denominação não se oponha a *casa pequena*, mas a senzala, no nível lexical, temos a manutenção da metonímia conceptual na atualidade em pares opostos como *apartamento/apartamentinho* e *casarão/casinha/casebre*, em que o primeiro item é associado a riqueza, fausto ou importância social, em oposição ao segundo, que evoca simplicidade e/ou dificuldade financeira.

3.3 OUTROS EXEMPLOS

Nesta última parte do trabalho, vamos analisar alguns outros compostos de nosso corpus, com o objetivo de ilustrar a dificuldade de estabelecer determinados grupos preferenciais na composição semântica e verificar se, em termos objetivos, a noção de contínuo deveria ser entendida em termos absolutos. Os compostos a serem aqui analisados são: *chapa-branca*, *ato-falho*, *cinema-mudo*, *Ano Novo* e *medida provisória*.

No composto *chapa-branca*, temos, como em muitos outros casos, duas construções compostas, envolvendo metonímia e metáfora. Primeiramente, *chapa-branca* é a denominação objetiva e classificatória da “placa de cor branca de um veículo do serviço público oficial” (Borba 2004). Assim, *chapa-branca* metonimicamente aponta para carros do serviço público oficial. Já o uso e entendimento de *chapa-branca* como uma característica de algo é de caráter metonímico e pejorativa, indicando fatos, propostas, etc. como oriundos de indivíduos ou grupos envolvidos com interesses específicos em diferentes esferas do poder. Em outras palavras, a expressão metonímica referente a carros oficiais sai da esfera automobilística concreta para o domínio da qualificação de esferas do poder.

Passamos à análise de *ato-falho*, termo da psicanálise que passou a ser usado na linguagem cotidiana. O ato falho pode ser definido como um erro na fala supostamente causado pelo inconsciente. Em geral, o ato falho poderia ser considerado como o chamado “lapsus linguae”, ou seja, um lapso ou troca de palavras que muitas vezes acontece, e geralmente envolve a semelhança linguística. Na construção, o adjetivo incide sobre ato, caracterizando-o em termos da falha, ou seja, da emissão diferente do que se pretendia. Na interpretação psicanalítica, o ato-falho corresponde à projeção da entidade conceptual fonte do domínio do inconsciente para o domínio dos atos de fala. Assim, um ato-falho concreto poderia ser considerado como uma metáfora não-intencional ou, mais frequentemente, definitivamente indesejada, já que desvela o que é reprimido. A construção, entretanto, não é uma metáfora do ponto de vista linguístico: trata-se apenas de um composto em que na sequência *ato falho* o adjetivo *falho* caracteriza um certo tipo de ato através de um certo tipo de falha. Assim, na expressão de caráter terminológico, existe apenas a fixação das respectivas zonas ativas nos termos “ato” e “falho”, dentre as inúmeras possibilidades de evocação de cada um dos termos.

Podemos considerar o mesmo tipo de transferência de domínio (humano para não-humano) no caso de *cinema-mudo*, no pressuposto de que *mudo* é um adjetivo que caracteriza pessoas pela impossibilidade de falar. Tendo em vista que a linguagem é uma propriedade dos seres humanos, caracterizar algo como mudo poderia corresponder a um uso metafórico do adjetivo. Entretanto, no Dicionário da Língua

Portuguesa Contemporânea, *cinema mudo* se opõe a cinema falado, sendo o primeiro caracterizado pela ausência de som interno à projeção; e um dos sentidos do adjetivo *mudo* se refere apenas à ausência de som, caso em que temos em *cinema mudo* apenas um composto classificatório.

Passamos a *Ano Novo*, expressão que se refere a um novo ano que começa no dia 1º de Janeiro, após 31 de Dezembro do ano anterior. Trata-se de uma expressão solidificada para referência ao novo ano que se inicia, mas o adjetivo, incidindo sobre o substantivo, não é de caráter classificatório em termos de tipo de ano; e não há metáfora óbvia envolvida. Observa-se, no entanto, que a expressão poderia ser considerada como um composto, de acordo com os critérios tradicionais, na medida em que os termos não podem ser substituídos, os termos não podem ser coordenados com outros e não há possibilidade de interferência.

A expressão *medida provisória*, de formação mais recente e grande frequência de uso, de certo modo surgiu para substituir o decreto-lei; trata-se de um projeto de lei que pode entrar em vigor de imediato, mas depende da aprovação do Congresso para sua manutenção. Como muitos outros casos, a expressão é transparente em seus termos, mas difere das possibilidades de interpretação que teríamos na sequência análoga não lexicalizada, conforme ilustrado em frases como “Estas medidas provisórias serão confirmadas quando o coordenador chegar” ou “tomei suas medidas, mas são medidas provisórias, porque você pode engordar ou emagrecer até o casamento”. Como muitos outros termos, *medida provisória* apresenta rigidez de construção e impossibilidade de elementos interferentes, em virtude de sua oficialização como denominação de um determinado procedimento institucional. Isto, naturalmente, levanta a questão dos compostos do ponto de vista enciclopédico, a qual abarca, aliás, também a questão dos nomes próprios, a saber, a natureza dos critérios de distinção de construções compostas.

Nos exemplos arrolados nesta última seção, o leitor deve ter notado que não há uma sistematização. Os exemplos foram incluídos para ilustrar a dificuldade tanto da decisão de se considerar uma sequência S-Adj como composto quanto da discussão em relação à metáfora e à metonímia, muitas vezes emaranhadas em compostos, situação em geral denominada de “metafonímia” (Goossens 2003), além da questão relativa ao caráter endocêntrico ou exocêntrico do composto, conforme se privilegiem os aspectos sintáticos ou semânticos da construção lexical envolvida.

Assim, ao concluir esta análise preliminar da situação dos compostos numa abordagem cognitiva, observamos que, dentre as inúmeras questões levantadas nos breves comentários aqui apresentados, ressaltam na relevância e na urgência a questão do emaranhamento de metáfora e metonímia, quer nos seus conceitos, quer em sua aplicação na análise de construções; a questão da pertinência ou não de considerarmos compostos lexicais como entidades relevantes de demarcação no contínuo léxico-gramática e, sobretudo, a questão da natureza semântica dos processos de composição.

REFERÊNCIAS

BARCELONA, A. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: an update. In: DIRVEN, R. e PÖRING, R. *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

BASILIO, M. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. *Veredas*, v.4, n.2. Ed. UFJF, Juiz de Fora, 2000.

BASILIO, M. Construções Nominais no Léxico e na Fala: um estudo de construções envolvendo S e Adj no Português do Brasil. In: SELLA, A.F., CORBARI, C.C. e BIDARRA, J. (orgs) *Pesquisas sobre Léxico: Reflexões Teóricas e Aplicação*. Campinas: Pontes, 2012.

BASILIO, M. Metaphor and Metonymy in Word-Formation. In: ZANOTTO, M.S., NARDI, M.I. e VEREZA, S. *Essays on Metaphor in Language and Thought*. D.E.L.T.A., v.22 – Especial, 2006.

BENEZES, R. Putting the notion of “domain” back into metonymy: Evidence from compounds. In: BENCZES, R., BARCELONA, A. e IBÁÑEZ, F. *Defining Metonymy in Cognitive Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

BOOIJ, G. *The Grammar of Words*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BORBA, F.S. (org) *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CASTELEIRO, J.M. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa. Lisboa: Editorial Verbo, 2001.

CROFT, W. e CRUSE, D.A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DRESSLER, Wolfgang et al. (eds) *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

FABB, N. Compounding. In: Spencer, A. e Zwicky, A. (eds.) *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998.

GIBBS Jr, R.W. e STEEN, G.J. (eds.) *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for

linguistic action. In: DIRVEN, R. e PÖRING, R. (eds.) *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

LANGACKER, R. *Grammar and Conceptualization*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

LANGACKER, R. *Concept, Image and Symbol – The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.

LANGACKER, R. Metonymic Grammar. In: PANTHER K., THORNBURG L. e BARCELONA A. (eds) *Metonymy and Metaphor in Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2009.

LIEBER, R. *Introducing Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

LIEBER, R. e STEKAUER, P.(eds) *The Oxford Handbook of Compounding*. Oxford, Oxford University Press, 2011.

RADDEN, G. e KOVECSES, Z. Toward a Theory of Metonymy. In: PANTHER, K. e RADDEN, G. (eds) *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 1999.

RIO-TORTO, G. et al. *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

STEEN, G. When is metaphor deliberate? In: Johannesson, N. e Minugh, D. (eds) *Selected Papers from the 2008 Stockholm Metaphor Festival*. Stockholm, Stockholm University, 2013.

Recebido em 31/01/2016

Aceito em 12/04/2016